

O crime do padre Amaro: individuação, celibato e sexualidade discutidas em um romance

Andréa Regina M. Reis*
Cláudio Paixão A. de Paula**

RESUMO:

Tomando como tema o voto de castidade e suas implicações na sexualidade do sujeito que se propõe a viver a vida consagrada celibatária, o presente trabalho é uma reflexão sobre que papel desempenha a sexualidade no processo de individuação de Padre Amaro, personagem principal da obra de Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*. Utilizou-se o método da análise de conteúdo para submeter os dados coletados pela leitura a uma hermenêutica junguiana.

Palavras-chave: Sexualidade. Individuação. Anima. Persona. Sombra. Eça de Queiroz.

“Ritos iniciais”

A Vida Religiosa sempre foi alvo de especulações, principalmente no que diz respeito ao voto de castidade e suas implicações na sexualidade do sujeito que se propõe a viver a vida consagrada celibatária. O presente artigo é uma tentativa de aproximação entre conceitos e métodos oriundos da Psicologia Analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung e as reflexões sobre esse modelo de vida religiosa em suas especificidades, principalmente, as relações e conflitos advindos do celibato e da sexualidade. Para se materializar esse intento, utiliza-se como veículo uma reflexão sobre o papel da sexualidade no processo de individuação de Padre Amaro, personagem principal da obra de Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*.

Na literatura nacional são encontrados poucos estudos que abordem diretamente o tema sexualidade e vida celibatária. O trabalho de Silva (2010), uma exceção à regra, ao discorrer sobre as identidades e memória do movimento de padres casados no Brasil chega a abordar a castidade, a vida religiosa celibatária e a sexualidade, embora não tenha esse tema como fulcro. Em sua pesquisa, a autora apresenta depoimentos de padres casados que assumem não estarem de acordo com o celibato da Igreja Católica, mas que gostariam de continuar exercendo o sacerdócio, mesmo estando casados. Para os entrevistados, a vida religiosa não deveria excluir a possibilidade de um relacionamento de amor, de um casamento ou, ainda, da relação sexual.

A escassez de trabalhos científicos nesta perspectiva aponta para a grande necessidade de propostas de pesquisas que possam, de alguma forma, contemplar a temática, que se acredita de grande relevância social.

Buscando oferecer uma contribuição para a reflexão sobre essas questões, o presente artigo discute o celibato e os possíveis conflitos que surgem na relação do mesmo com a sexualidade, discorre sobre o processo de individuação na perspectiva junguiana e analisa algumas das principais referências sobre esse processo e a sexualidade “religiosa”, tendo como foco o personagem Padre Amaro.

O método de investigação da psique proposto por C. G. Jung, segundo Penna (2004), compreende características do pensamento dialético, fenomenológico, hermenêutico, associativo,

analógico e imagético, atributos que o capacitam, sobremaneira, ao tipo de análise proposta nesse artigo. Uma proposta além da prática clínica e que habilita o pesquisador a investigar os mais diversos fenômenos individuais e coletivos.

Ao que se poderia acrescentar: ainda que esses fenômenos sejam descritos em uma obra literária. O “ainda” não é usado como uma desqualificação da obra literária, mas como uma atitude demarcadora que respeita o alerta de Jung (1985), segundo o qual:

[...] a psicologia do artista constitui um assunto coletivo e não pessoal. Isto porque a arte, nele, é inata como um instinto que dele se apodera, fazendo-o seu instrumento. Em última instância, o que nele quer não é ele mesmo enquanto homem pessoal, mas a obra de arte. Enquanto pessoa tem seus humores, caprichos e metas egoístas; mas enquanto artista ele é, no mais alto sentido, “homem”, e homem coletivo, portador e plasmador da alma inconsciente e ativa da humanidade (JUNG, 1985, p. 157).

A proposta de articular os saberes desta teoria psicológica com a leitura e análise de uma obra literária pretende indicar possíveis contribuições da psicologia analítica para a lida com questionamentos pertinentes à vida religiosa celibatária católica.

Sexualidade e vida celibatária

Embora a sexualidade e suas peculiaridades tenham sido abordadas como um tema nobre por autores consagrados como Sigmund Freud e Michael Foucault, no que diz respeito à sexualidade na vida religiosa celibatária pouco se encontrou disponível em língua portuguesa. Segundo Silva (2010), desde os primórdios, principalmente após o Concílio de Trento (1545-1563), quando o celibato torna-se obrigatório, a Igreja Católica lida com problemas relacionados à questão da sexualidade dos seus presbíteros e seminaristas.

Tema midiático, os questionamentos de como está sendo trabalhada a sexualidade de homens que dedicam suas vidas ao sacerdócio e ao celibato nem sempre são abordados com a profundidade, o rigor e a isenção que o tema parece merecer.¹

Uma vez que a sexualidade é um dos elementos constituintes da experiência biológica humana e que isso independe de suas escolhas, não se pode julgar que isso seja diferente com aqueles que decidem seguir um modelo de vida no qual a castidade e vida celibatária estejam presentes.

Segundo Jung, “a sexualidade não é mera instintividade; é um poder indiscutivelmente criador que é não somente a causa fundamental de nossa existência individual, como um fator em nossa vida psíquica, a ser levado com muita seriedade” (JUNG, 2002, p. 40).

Ampliando a discussão do polo individual para o coletivo institucional religioso, Silva (2010) irá afirmar que o celibato é o pilar identitário para a igreja, mas para grande parte dos padres do mundo, ser casto de forma obrigatória, traz sérios conflitos e questionamentos no que diz respeito à relação que se estabelece entre a abstinência sexual e a vocação sacerdotal. Essa norma da Igreja Católica, sobretudo nos dias atuais, vem sendo questionada pelos próprios sacerdotes, haja vista os diversos casos de padres que quebraram e quebram esse voto sacerdotal, para contrair o matrimônio ou ainda para manter relações sexuais durante o sacerdócio. Ainda segundo Silva (2010), o celibato obrigatório foi afirmado e reafirmado como regra indissolúvel nos concílios tridentinos dos anos (1545-1563), o que não impediu os sacerdotes de continuarem a coabitar com suas mulheres e mantendo relações sexuais. No entanto, essa interdição formal continuou sendo reafirmada nos inúmeros concílios subsequentes,

mantendo-se intocável até os dias de hoje. A castidade como exigência de voto é praticada somente no catolicismo romano. Em outras culturas, como a mulçumana, judaica e protestante, os sacerdotes são orientados e ainda estimulados à prática do casamento como forma de assumirem suas funções religiosas perante a comunidade de maneira mais adequada.

Para Silva (2010), o celibato é um símbolo de fortalecimento institucional que legitima os sacerdotes católicos como os representantes da pureza e santidade de Cristo, pelo qual se tornam os únicos capazes de conduzir os fiéis à verdadeira salvação pela celebração dos sacramentos católicos, principalmente a eucaristia e a penitência. É no Concílio de Trento que se fortalece a imagem do “santo padre” como agente religioso autorizado a consagrar a eucaristia, perdoar os pecados e instruir a consciência dos homens e mulheres para que, na morte, tenham um julgamento justo, garantindo aos fiéis o livramento das influências mundanas e infernais.

No Concílio de Trento os ritos sacramentais, que são sete (Batismo, Eucaristia, Crisma, Matrimônio, Unção dos enfermos, Penitência e Sacerdócio), se consolidaram, o que tornou o matrimônio e o sacerdócio caminhos incompatíveis. Segundo Silva (2010), dessa forma, os padres que assumiram o papel de gestor dos sacramentos e da salvação foram proibidos de se casarem com o risco de serem excomungados pelo crime de atentado contra o matrimônio. Casar-se se torna proibido, pois teologicamente na ordenação sacerdotal se estabelece um vínculo matrimonial entre o padre e a Igreja, um casamento sem sexo. Portanto o padre que se casasse seria considerado bigamo pela Igreja.

Individuação como um processo e outros conceitos da psicologia analítica

Jung utiliza-se do conceito de individuação para observar e compreender o caminho percorrido pelo ser humano ao longo de seu processo vital na formação da sua personalidade através das interações entre seus mundos intra e extrapsíquicos.

Para Jung (2008), o processo de individuação é um percurso seguido pelo sujeito durante toda a sua vida em busca do si-mesmo: tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” compreende-se sua singularidade mais íntima, última e incomparável. Esse processo propicia, segundo o autor, o desenvolvimento da personalidade individual, desenvolvimento este que irá particularizar o ser indivíduo frente às dimensões sociais.

Em busca desse processo, o sujeito entra em contato com aquilo que é próprio do seu *inconsciente pessoal* e, também, com o que Jung chama de *inconsciente coletivo*.

Para o autor o inconsciente pessoal é formado essencialmente de conteúdos que já estiveram na consciência, mas desapareceram por esquecimento ou por terem sido reprimidos; nessa parte do inconsciente concentram-se os complexos.

Já o inconsciente coletivo, segundo Jung (2000), diferencia-se do pessoal pelo fato de que sua existência não se deve a experiência pessoal. Jung (2000) pontua que os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência, não sendo, portanto, adquiridos individualmente. Sua função é estruturante dos processos psíquicos e, segundo o autor, constituída essencialmente de arquétipos.

Os arquétipos (JUNG, 2000) são potencialidades estruturadoras não passíveis de acesso consciente que, no entanto, são intermediadas por imagens arquetípicas (representações dessas dinâmicas construídas com base nas experiências individuais) que aparecem em momentos de crise, crescimento ou durante o processo criativo (inclusive durante os sonhos). Para o autor, a influência dos arquétipos como formas da psique pode ser vislumbrada em todo tempo e lugar através das imagens produzidas pelo psiquismo no cotidiano, nas expressões artísticas e nas representações mitológicas. A única consciência que se pode obter dos arquétipos vem da sua influência ao conferirem uma forma definida aos conteúdos da consciência.

Samuels, Shorter e Plaut (1988) definem individuação como o movimento que leva uma pessoa tornar-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas ou da psicologia coletiva (embora também em relação com estas). Para Salles (1992), no processo de individuação acontece a integração de diversos elementos e potencialidades, através do conflito entre os inconscientes coletivo e pessoal. Esse conflito, segundo o autor, permitirá ao sujeito adaptar-se às condições internas e externas, na aproximação de sua essência. Com isso o sujeito torna-se mais próximo daquilo que ele realmente é, afastando-se do que gostaria ou acreditaria ser, uma vez que essas características são influenciadas socialmente.

Para o autor o processo de individuação exige do sujeito grande esforço, paciência e até mesmo coragem, uma qualidade superior, mas também se trata de um processo natural e inevitável, um destino do qual o sujeito não pode fugir.

Segundo Silva (2009), alienado de si mesmo o indivíduo projeta suas qualidades nos outros e as ideias coletivas em si mesmo, não distinguindo o que é próprio do que é do outro. Não tendo consciência desse movimento o sujeito poderá não conhecer sua totalidade, distanciando-se cada vez mais do seu centro ou *self*. Para Jung (2000), o *self* é a totalidade da psique do indivíduo, o que engloba sua consciência e seus inconscientes, pessoal e coletivo. Nesse sentido, uma porção coletiva do *self* faz a ligação do indivíduo com a humanidade. O *self* apresenta-se como o arquétipo central da psique que será responsável pela organização e integração da mesma; é o símbolo da totalidade e é relacionado pelos Cristãos monoteístas à imagem Deus. Para Samuels, Shorter e Plaut (1988), a imagem de Deus aponta para uma realidade que transcende a consciência, é extraordinariamente *numinosa*, obriga à atenção, atrai energia e funciona como um continente psíquico.

O processo de individuação não segue um curso linear e pode variar muito entre indivíduos, mas é possível descrevê-lo didaticamente. Segundo Silva (2010), o processo se inicia quando retiramos a máscara que usamos no nosso contato com o mundo, máscara esta denominada por Jung (2008) por *persona*. Essa máscara representaria socialmente a identidade do indivíduo como os outros esperam que o seja, a maneira como cada sujeito se apresenta e se adapta às exigências do seu meio. A *persona* então se limita a aspectos claros da nossa personalidade, aspectos que são aceitos pelo ego e que satisfazem as convenções sociais. Quanto maior for a identificação do ego com a *persona* mais difícil será sua retirada.

Segundo Silva (2010), quando ocorre uma desidentificação entre o ego e a *persona*, o sujeito assume um rosto desconhecido que o assusta: a *sombra*. Com isso entra-se em contato com aspectos obscuros da personalidade que não são aceitos e que, por isso mesmo, são reprimidos no inconsciente e projetados no outro. Reconhecer essa projeção é parte do processo de iluminar sua própria sombra. Quando acontece a dissociação entre ego e sombra, ou seja, quando uma sombra reprimida é mal projetada, será ainda mais difícil confrontar esses conteúdos sombrios com a *persona*.

No caso do homem, o processo de confronto com os conteúdos intrapsíquicos não pode se dar sem que o indivíduo se coloque diante de sua *anima*. Segundo Silva (2010), a *anima* é a personificação das tendências psicológicas femininas na psique do homem, ou seja, são as características identificadas tipicamente como femininas que pertencem a esse homem. Segundo a autora, o homem precisa reconhecer e desenvolver sua *anima*, pois esta é responsável pelo seu relacionamento com o inconsciente. Pode-se dizer que a *anima* representa no indivíduo a sua voz interior. Samuels, Shorter e Plaut (1988) afirmam que a *anima* atua como psicopompo, guia da alma, e pode, como possibilidade criativa, se tornar um instrumento da individuação.

Como todo o conteúdo inconsciente, a *anima* torna-se consciente quando é projetada no outro. Dessa forma, oferece-se ao homem a oportunidade de olhar-se no espelho, uma vez que as

características projetadas no outro são na verdade suas. Segundo a autora, não é um processo fácil de reconhecimento, mas vencendo a dificuldade de reconhecer suas próprias características na imagem projetada, será possível desenvolver sua anima, que exercerá a sua função de intérprete no diálogo com o inconsciente, transmitindo ao ego o que poderiam ser chamados, metaforicamente, de “os conselhos” do *self*.

Para Silva (2010), confrontando sua *anima* o homem estará mais próximo do seu processo de individuação, experiência de “totalidade”. Reconhecer a persona, e as projeções da *anima* e *sombra*, corresponde à integração de aspectos parciais do psiquismo. Acredita-se que é dessa forma que se dá a conscientização desses aspectos citados, através do diálogo entre consciente e inconsciente, que conduz o ser humano à experiência de ensaiar a busca por uma experiência psíquica mais ampla que integre aspectos claros e escuros do consciente e do inconsciente, do masculino e do feminino, tornando-se, assim, mais permeável aos conselhos do *self*.

Os conceitos de complexo e complexo materno e sua relação com a individuação masculina

Segundo Jung (2000), o arquétipo materno é a base do complexo materno. Para o autor, a mãe sempre está presente na origem da perturbação, particularmente nas neuroses infantis ou, ainda, aquela cujo sua etiologia recua até a primeira infância. A mãe é o primeiro ser feminino com o qual o homem entra em contato. Ao lado do arquétipo materno está a anima, que desempenha um papel importantíssimo na vida deste homem. A mãe, de forma consciente ou inconsciente, direta ou indiretamente, irá aferir a masculinidade do seu filho, tal qual este tomará consciência, de forma gradual, da feminilidade de sua mãe ou, pelo menos, respondendo de forma inconsciente e instintiva a ela.

Por complexo materno pode-se entender ainda todos os efeitos psicoenergéticos do arquétipo materno e da imagem materna. Esse conceito é utilizado para todas as experiências negativas e positivas com a maternidade no sentido transpessoal e com a própria mãe, no entanto, aqui, considera-se predominantemente a utilização do conceito no contexto psiconeurótico.

Jung afirma que, no caso do homem, a relação de identidades, ou de resistência no que diz respeito à diferenciação do sexo, estará sempre sendo atravessada por fatores de atração erótica ou repulsa, o que torna o quadro ainda mais complexo. A mãe será para o homem a primeira a receber a projeção de sua anima e isso terá grande influência na forma como o mesmo projetará a imagem do seu arquétipo feminino em outras mulheres.

Para Jung (2000) os efeitos do complexo materno no homem poderão resultar em três distúrbios psíquicos: homossexualismo², impotência sexual e donjuanismo. Aqui nos interessa esse último por se acreditar que essa dinâmica psíquica possa ser aplicada à compreensão do personagem estudado.

No donjuanismo a imagem da mãe apresenta-se para o homem como a imagem da mulher perfeita que não possui defeito e que estará sempre pronta a satisfazer os desejos do homem. Esse distúrbio impede o crescimento do indivíduo e ainda o seu ajustamento ao contato social, ou seja, atrapalha o seu desenvolvimento pessoal, seu processo de autoconhecimento e de formação da sua personalidade (JUNG, 2000).

No complexo materno, o homem se identifica com o “filho” de uma “Grande Mãe” que, nas imagens da mitologia, é sempre representada ao lado dele. O filho estará presente na maioria dos mitos nos quais se apresentem características do Arquétipo da Grande Mãe, e o mesmo será então o “filho amante”, e este estará sempre preso a essa mãe que o irá devorar e o destruir. Essa mãe terrível e

devoradora é um dos aspectos do arquétipo estruturados da experiência materna (o aspecto negativo). A maneira como o filho se relaciona com essa imagem é que irá determinar o tipo de influência que esse elemento estruturador terá no psiquismo do indivíduo. Apesar disso, é importante ressaltar que a imagem da mãe não será sempre negativa, podendo relacionar-se com o cuidado, o zelo, o amor, a vida, bondade nutritiva, entre outros. Por isso, o que causará o distúrbio é a relação que o filho irá estabelecer com a imagem obscura e devoradora da mãe, o lado negativo da imagem.

No caso de Amaro, seria justamente a maneira como se relacionou com a imagem da sua mãe biológica, e posteriormente com a imagem da sua mãe de criação, e finalmente com sua alma, que é projetada na personagem Amélia.

A Obra

O Crime do Padre Amaro se trata de uma obra literária escrita pelo autor Eça de Queiroz no ano de 1875. O autor introduz em Portugal o realismo-naturalismo. Em seu trabalho faz uma crítica à instituição da Igreja Católica no que diz respeito ao pseudomoralismo existente na época. Denuncia a maneira como os padres vivenciavam o celibato, a partir do caso de um jovem rapaz chamado Amaro, que se envolve com uma moça da cidade de Leiria, interior de Portugal.

Segundo Nery (2005), Eça faz parte de um grupo de escritores da década de 70 do século XIX que questionaram o papel da Igreja e do clero na formação de Portugal. Essa geração de 70, segundo o autor, preocupa-se com a história e a cultura, com incoerências e falhas da Igreja da época, refletindo e interrogando sobre os erros que ocorriam no cenário europeu.

Eça reafirma nessa obra os ideais realistas que defendiam o engajamento da arte e dos artistas nos embates sociais e políticos. Moisés (2001) ressalta este caráter do autor ao fazer um comentário sobre a obra em questão.

O Crime do Padre Amaro passa-se em Leiria, uma pequena vila de província, beata e soturna, onde um padre corrupto seduz e leva à morte a infeliz e ingênua Amélia, sob a proteção do confessor e da superstição: aqui, a análise impiedosa do clero revela-o deteriorado como, aliás, estava toda a estreita sociedade provinciana, porque erguida sobre os falsos preconceitos e uma moral de ocasião (MOISÉS, 2001, p.195).

Eça denuncia a hipocrisia burguesa religiosa a partir de uma análise minuciosa, social e psicológica, de suas personagens, principalmente de Amaro. Em sua obra diz aquilo que era proibido, o que não podia ser dito. Denuncia uma sociedade que estava em crise e desvela o silêncio próprio da época para inaugurar uma discussão que até hoje se faz pertinente, o celibato e as suas implicações na vida do sujeito.

Acredita-se que *O Crime do Padre Amaro* surgiu como um texto necessário, uma denúncia a uma situação da época, a corrupção que envolve o clero e o rompimento velado com o celibato em Portugal. A denúncia do autor, apesar de ter sido feita no ano de 1875, é bastante atual.

Amaro, sua vida e seu “crime”

A partir de uma análise atenta da trajetória de Amaro pode-se perceber que ele está tomado por seu complexo materno; sua relação com Amélia se construiu a partir da projeção da imagem materna construída ao longo de sua infância e juventude. Sua sexualidade está ameaçada pela maneira como Amaro se organiza psiquicamente a partir da projeção de sua alma em Amélia.

A figura feminina tem grande importância em sua vida desde a infância e está associada a uma imagem materna formada por referências poderosas que foram sendo apropriadas desde a mais tenra infância até a vida adulta. Isso fica nítido quando se observa algumas características estéticas e psicológicas das duas figuras maternas que estiveram presentes na vida do personagem, sua mãe biológica e posteriormente sua mãe adotiva.

Amaro perde sua mãe biológica muito cedo, e a imagem que guardara dessa mãe era apenas uma fotografia que demonstra uma figura marcante “mulher forte, de sobranceiras cerradas, a boca larga e sensualmente fendida e uma cor ardente”. Sua mãe é a primeira imagem feminina com quem Amaro tem contato, sua primeira relação com sua *anima*. Sua perda precoce e a posterior substituição por outra figura forte (a Marquesa) irá cumprir um papel importantíssimo na vida de Amaro.

Durante toda sua infância, Amaro teve contato direto com várias mulheres e demonstrava o seu interesse por manter intimidades com as mesmas, sua sexualidade vai se formando nessas relações.

O conflito entre a sexualidade e a vida celibatária, no caso de Amaro, inicia-se ainda na infância, quando tem sua formação religiosa muito forte e exacerbação sexual no contato com as criadas da Marquesa.

Essas relações conflituosas têm um impacto direto no percurso vital de Amaro. Seus recursos para desenvolver uma compreensão de si e de seu mundo interno são grandemente prejudicados pela precariedade de sua vida com as figuras da anima, da sombra e da persona. Amaro está tão envolvido e tomado pelo complexo materno que não se dará conta das transformações que estarão presentes em sua vida e se perderá completamente no caminho rumo à individuação.

Sua entrada no seminário não se deve inicialmente ao seu desejo, ou vocação ao sacerdócio; na verdade sua mãe adotiva, a Marquesa exige isso para a vida de Amaro, em testamento, antes de sua morte. Amaro novamente se vê abandonado por sua mãe, agora a adotiva que, assim como a biológica, sucumbe repentinamente à morte.

A escolha de Amaro pelo sacerdócio e, conseqüentemente pelo celibato, fora determinada por outra pessoa, uma figura feminina carregada de poder e que exige que o menino realize seu desejo. A sorte de Amaro foi lançada. Nesse momento fica evidente o papel que essa mulher desempenha ao fornecer ideias e experiências carregadas de sentimentos que irão se sedimentar em torno de um complexo materno constituído a partir das experiências acumuladas no contato com sua mãe biológica, que apesar de ter morrido enquanto Amaro ainda era uma criança, marcou em sua psique a imagem de uma mãe forte e devoradora. O contato do menino com a figura materna não é dos melhores e seus conflitos, perturbações, medos, anseios, estarão intimamente relacionados a essa figura feminina captada pelo personagem na sua infância.

Além do trauma de perder suas duas referências maternas de forma trágica e repentina, Amaro estará fadado a cumprir com a exigência de abrir mão de sua sexualidade, que estava aflorando, para tornar-se um padre exemplar e dedicado ao celibato. Instaura-se aqui o conflito. Ir contra os seus próprios desejos para satisfazer a outra pessoa.

Pode-se dizer que sua entrada no seminário não fora tão fácil e que, antes mesmo de seguir para seu destino, o garoto se vê novamente envolto pela experiência com uma figura feminina (a tia que o recolhe após a morte da marquesa) que lhe trará conseqüências futuras.

Sua persona começa a tomar forma, corpo. Amaro passa então a usar sua máscara social, aquela que irá carregar por todo seu percurso de conhecimento de si, de formação de sua personalidade. Socialmente, ocupar este lugar de sacerdócio começa a ser uma possibilidade de se libertar das suas tristezas, das suas angústias. Ser padre passa a ser uma possibilidade real de seguir o caminho trilhado por sua madrasta sem perder de vista o encantamento feminino que o seduzia.

A sexualidade sempre estivera aflorada em Amaro, faz parte das características de sua *sombra*, pensava e sonhava com as mulheres o tempo inteiro, alucinava com as formas femininas e com a possibilidade de estar em pleno contato com as mulheres. Os desejos do jovem Amaro se intensificam e, antes mesmo de ir para o seminário, fica em evidência o papel desempenhado pela sexualidade em sua vida. As características que se destacam em sua juventude estão intimamente ligadas aos conteúdos de sua sombra. Amaro ama as mulheres ao mesmo tempo em que as odeia. Quando se relaciona com seus aspectos sombrios, sua sexualidade desperta, e ele se mostra como realmente é. Mas a *persona* já começa a ocupar grande espaço em sua vida e assumir sua máscara social (ser padre) torna-se cada vez mais próximo de sua realidade. O conflito se intensifica e começa a ganhar corpo. Amaro começa a traçar seu caminho, iniciam-se alucinações com formas femininas em fragmentos de pernas e coxas e ainda a figura da Virgem Maria, que se apresentava como uma linda mulher loira que alimentava os seus desejos.

Com o tempo a vida de Amaro vai sendo preenchida por suas tarefas no seminário e pela dúvida entre seguir sua vida celibatária ou se entregar aos prazeres e desejos da carne. Vivía em constante conflito com as leis clericais e se preocupava com a maneira como a figura feminina era interpretada pelos padres mais velhos. Sua sexualidade estava sempre em jogo, uma vez que não lhe caberia viver suas paixões e seus desejos dentro de uma instituição fechada como a Igreja Católica.

A figura feminina era compreendida como um perigo para aqueles que se dedicavam a vida religiosa, isso influenciava a vida de Amaro. O jovem padre se perde, não entendendo o porquê da mulher ser vista de forma tão negativa e, simultaneamente, ser exaltada na figura da Virgem Maria. Sua relação com as mulheres era diferente, enxergava na figura feminina, muitas qualidades e sempre as via como figuras fortes e marcantes, o que pode ser entendido como a maneira íntima como Amaro se relaciona com sua *anima* e como a percebe. Amaro projeta nas mulheres uma imagem forte e dominadora, repleta de símbolos que o fazem desejá-las. Essa imagem também é projetada na própria Igreja, entendida como Santa Mãe. A mesma desempenha um papel importantíssimo no que diz respeito ao complexo materno de Amaro, justamente por ser compreendida pelo mesmo como essa figura de força que também o devora.

O encontro com Amélia acontece e Amaro, pela primeira vez, se vê tomado por um sentimento forte. Sua anima é projetada naquela doce mulher e sua vida, a partir deste momento, mudará significativamente. Seus conflitos, em relação a sua sexualidade e à vida celibatária, crescerá cada vez mais, e pode-se dizer que sua *persona* começa a ser confrontada por sua *sombra*. Amaro começa a se enxergar como ele realmente é, e este confronto será o início do seu processo de individuação.

A forma intensa como Amaro projeta sua anima parece estar ligada ao seu complexo materno. Sua primeira experiência amorosa se manifesta como uma fascinação sem limites, uma supervalorização que parece refletir a sua relação com a figura materna. Segundo Jung (2000):

Quando a anima é constelada mais intensamente ela abranda o caráter do homem, tornando-o excessivamente sensível, irritável, de humor instável, ciumento, vaidoso e desajustado. Ele vive num estado de mal-estar consigo mesmo e o irradia a toda volta. Às vezes, a relação do homem com uma mulher que capturou sua anima revela a existência da síndrome (JUNG, 2000, p. 167).

Ao longo de todo o livro percebe-se que Amaro está sendo interpelado a se posicionar frente à sua vocação; seu encontro com Amélia é o início de uma caminhada dura e difícil. Sua *persona*, que está intimamente ligada à forma como um recorte da sociedade em que ele vive se relaciona com a imagem do que deveria ser um padre, e sua *sombra*, a parte mais íntima e obscura ligada ao seu

inconsciente e que apresenta uma parte de Amaro desconhecida dele mesmo, entram em conflito. Sua sexualidade e a vida celibatária se chocam e esse jovem é lançado de encontro a uma crise que tem como fulcro o seu processo de individuação.

O ambiente em que vive Amaro não o ajuda muito em seu processo, por estar carregado de certo pseudomoralismo: por um lado, a lei canônica, que proíbe os sacerdotes a manterem qualquer tipo de relação, amorosa, sexual, etc. e por outro lado, os padres que possuem comportamentos que divergem da regra; isso tudo o confunde e o faz se sentir perdido. Amaro vai aos poucos percebendo essas relações contraditórias entre as normas religiosas e os comportamentos dos padres, que mantêm relacionamentos às escondidas com mulheres da vila onde mora.

Nesse percurso Amaro se encontra completamente perdido no contato com sua *anima*, pois a projeção dela em Amélia o obriga a encontrar-se com sua personalidade mais íntima e, conseqüentemente, com sua sexualidade. Passa então a questionar a Igreja, suas leis e tudo aquilo que o impede de concretizar seu amor. Sabe da beleza de Amélia e reconhece que ela não ficará sozinha por muito tempo. Assim distingue quem ele é do que as pessoas acreditam que deveria ser o padre e começa a ter senso crítico de sua situação e de como foi parar no seminário, se tornar um religioso, proibido de se casar e ter filhos.

Aos poucos é tomado pelo amor e não consegue mais disfarçar seu sentimento. Amaro vai se mostrando cada vez mais como é e permitindo que sua paixão por Amélia aconteça. A proximidade com essa mulher o lança a sua realidade obscura, sua *sombra* está sendo cada vez mais desvelada; a máscara que o jovem foi obrigado socialmente a carregar começa a perder forças e suas características mais intensas surgem.

O seu amor era correspondido, e isso fortificou ainda mais os sentimentos do jovem padre. Amélia sentia-se seduzida e também não conseguia mais esconder tanto sentimento, mas Amaro se viu perdido quando soube que seu grande amor se casaria com outro homem. O aspecto mais sombrio de sua *sombra* irrompeu-se e os sentimentos mais obscuros surgiram. Amaro sentiu-se traído; sua máscara caiu e o padre não mais estava ali, agora era apenas um homem apaixonado e mordido de ciúmes. Esses conflitos entre sua *sombra* e sua *persona* demonstram o potencial de lançá-lo ao caminho para a individuação.

A cólera envolve Amaro e o mesmo se vê, como nunca, tomado por um sentimento de superioridade por ser padre e fazer parte do grupo de poderosos da Igreja. Amaro encontra nesse discurso certo alento por não conseguir vivenciar seu grande amor. O percurso do jovem se torna cada vez mais sombrio, se sente privilegiado e, ao mesmo tempo, infeliz por ser padre. Seu caráter torna-se duvidoso, suas atitudes são contraditórias. Ora sua *persona* se apresenta com toda força, ora a mesma é eclipsada por conteúdos oriundos de sua *sombra*. Esse conflito faz parte do seu processo de individuação e, para Salles (1992), confrontos como esse poderiam se levados a bom termo, permitir ao sujeito adaptar-se às exigências internas e externas, aproximando-se da sua verdadeira essência.

Com o tempo, no entanto, Amaro começa a distanciar-se daquilo que poderia ser sua tarefa de individuação. Alienado de si mesmo, não consegue mais distinguir o que faz parte de sua personalidade mais íntima daquilo que lhe é imposto socialmente. Distancia-se cada vez mais, como poderia afirmar Silva (2010), da possibilidade de uma integração desses opostos em torno do centro estruturador de seu psiquismo (o si-mesmo). Amaro passa a acreditar na possibilidade de viver uma vida dupla, e suas atitudes mostram o quanto se encontra perdido. Sua *persona* não desidentificou-se de seu ego, não “descolou de seu rosto” (por assim dizer), e integrar aspectos de sua *sombra* torna-se cada vez mais difícil.

Os encontros entre Amaro e Amélia tornam-se mais íntimos, o casal passa a manter relações sexuais e o voto de castidade de Amaro é quebrado. Aqui o confronto entre *persona* e *sombra* chega ao ápice, o jovem padre atende aos seus desejos e vive intensamente cada momento com a mulher que amava. A questão importante que nos chama a atenção não seria o fato dos dois manterem relação sexual, mas sim o fato de Amaro não conseguir assumir sua verdadeira personalidade, trazendo à consciência aspectos negligenciados em sua vida. O conflito entre sua sexualidade e sua vida celibatária parece ter-se diluído, e o que antes era um problema torna-se a solução. Amaro encontrou na “Santa Madre Igreja” o motivo para conseguir satisfazer seus desejos. Encontrou na bondade a desculpa para que sua amada pudesse se encontrar todos os dias com ele sem levantar suspeitas. Assim o jovem padre não consegue seguir em frente no seu processo de autoconhecimento.

Ao longo da trajetória de Amaro percebeu-se uma tentativa de adequar-se, tanto às exigências sociais, quanto aos sentimentos e desejos individuais. O seu movimento rumo à individuação comprometeu-se no momento em que Amaro não conseguiu se descolar da sua *persona*. A forte identificação entre ego e *persona* fez com que o processo de aproximação com os conteúdos sombrios se tornasse insuportável. Suas atitudes demonstraram esta dificuldade de se assumir, assumir suas particularidades e singularidades. Amaro passou a viver uma farsa.

Ao se entregar a essa existência farsesca, Amaro transforma gradativamente seu amor por Amélia em uma forma de se vingar do seu passado, compensando as privações que viveu da infância até a vida adulta e, aos poucos, seus comportamentos em relação à sua amante se modificam; o que antes podia ser lido como uma atitude amorosa se transforma em uma sequência de agressões físicas e verbais. Amaro, tomado por seu complexo materno, não consegue se entregar a uma relação. Por duas vezes se sentiu abandonado quando a morte arrancou-lhe as duas mulheres que cumpriram importante papel na construção de sua imagem de *anima*. Em Amélia, a projeção desta imagem anímica está carregada de sentimentos negativos, Amaro não consegue vencer o seu complexo e se relaciona com Amélia de forma contraditória amando e odiando ao mesmo tempo, talvez por medo de ser abandonado novamente por essa mulher.

Se já era impossível a Amaro manter a vida religiosa celibatária e o seu amor por Amélia, seus comportamentos passam a contradizer tanto o que se podia esperar por sua condição como padre, quanto de um relacionamento amoroso com Amélia. Esses comportamentos contraditórios se intensificam quando ele recebe a notícia da gravidez de Amélia. Nesse momento pode-se pensar que a Igreja, como uma figura também feminina, cumpre na vida de Amaro o papel da mãe devoradora. “Para o filho, a *anima* oculta-se no poder dominador da mãe e a ligação sentimental com ela dura às vezes a vida inteira, prejudicando gravemente o destino do homem ou, inversamente, animando a sua coragem para os atos mais arrojados” (JUNG, 2000, p. 84).

Amaro se relaciona com a Igreja também de forma muito peculiar, projetando nessa relação os anseios de um filho por sua mãe, por tudo aquilo que ela possa representar de bom ou ruim. “Para o homem da Antigüidade a anima aparece sob a forma de deusa ou bruxa; por outro lado, o homem medieval substituiu a deusa pela Rainha do Céu e pela Mãe Igreja” (JUNG, 2000, p. 84). Nessa relação de submissão, acolhe os conselhos dos representantes desta mulher “Igreja” e decide dar um fim a sua dúvida.

Nessa luta travada entre sua *anima*, sua *persona* e *sombra* viu-se que o inconsciente tenta buscar certo equilíbrio. Em sonho Amaro assume sua condição social e se mostra como um ser superior, se antes sonhava com sua amada e com a possibilidade de concretizar seu amor, agora a mensagem que surge em seu sonho é justamente da vitória de sua *persona* que esta colada em seu ego. Não há dúvida que Amaro já escolheu o seu caminho, assumindo definitivamente sua *persona* como uma máscara social permanente. Não lhe importa aqui o amor, a sexualidade, a paixão, o sonho de ser pai, de ter

uma família, que são características de sua *sombra*, mas sim continuar o legado imposto pela mãe de criação: ser devorado pela Santa Mãe Igreja.

Amélia e seu filho passam a ser um grande problema para Amaro. Assumi-la e a sua gravidez seria para o mesmo assumir uma responsabilidade sobre sua própria vida, sobre seu próprio destino. Amaro não estava acostumado a pensar por si mesmo. Entrara no Seminário atendendo ao desejo de sua mãe de criação e, uma vez nessa seara, não poderia assumir outra vida que não seja continuar satisfazendo o desejo desta mãe. A relação com Amélia suscitou no jovem padre os sentimentos mais íntimos e sombrios relacionados ao seu complexo. Em consequência disso, o homem “abandonado por duas mães” é compelido a abandonar a amante e seu filho, mandando-os para outro lugar, de onde não possa mais ser perturbado.

Paradoxalmente, a possibilidade de Amaro romper com a Igreja e tomar as rédeas da situação em que se encontra remete a um religar de profundo significado: à noção de alma imoral desenvolvido por Bonder (1998). O autor identifica a alma com a parte transgressora do corpo: um elemento evolucionário do próprio corpo que, simultaneamente, “nos impõe uma conduta rígida e comprometida com sua forma de ser, mas que, de tanto em tanto, com maior ou menor importância, trai a si mesmo e se reconstrói” (BONDER, 1998, p. 15). Esse caráter imoral da alma, paralelamente à reprodução biológica e à moral vigente que buscam perpetuar a espécie (imortalidade), seria um agente da evolução que, ao confrontar o *establishment* do animal moral, “cumpre o papel de proteger esta imortalidade na esfera da consciência” (BONDER, 1998, p. 16), alçando-a a outros níveis.

No entanto, não foi isso o que aconteceu. Amaro agiu contra a alma. E suas atitudes trouxeram consequências. Ao optar por permanecer vivendo sua vida como sacerdote, Amaro fez escolhas que produziram a ruína de Amélia e seu filho. Aquilo que poderia ser descrito como amor se converteu em ódio, e a alegria antes sentida por Amaro e Amélia se converteu em sofrimento.

Profundamente alienado de si mesmo, Amaro não percebeu o que lhe ocorreu, não viu em suas atitudes nenhum problema, não existiu para ele sequer a moral eclesiástica, sua consciência pareceu não existir ou está seriamente comprometida. “Ela (a consciência) não compreende como seu mundo se alterou, e que atitude deveria tomar para adaptar-se novamente.” (JUNG, 2000, p. 162). Em certos momentos, de pouca lucidez, pensou no que estava prestes a fazer, primeiro decidiu matar seu filho, colocá-lo nas mãos de uma mulher que pudesse executá-lo, mas esse desejo se alternou com certa consciência de culpa e o fez desistir de querer a morte do menino. Amaro se perdeu em comportamentos contraditórios.

Amaro foi surpreendido por uma notícia que não esperava: a da morte de sua amante. Durante toda a gravidez Amélia sofreu com o desprezo do seu amante e com toda a culpa que sentia por ter se envolvido com um representante da Igreja. Agora, chegada a boa hora, não suportou acordar e não ter em seus braços o filho, sucumbindo após uma longa noite em trabalho de parto. A nova situação trouxe à tona bons sentimentos ao rapaz, e novamente Amaro parece recobrar sua consciência e, por algum tempo, decide tomar novamente as rédeas da sua vida e assumir a criação do seu filho.

Amaro se surpreendeu novamente com os acontecimentos que se sucederam em sua vida. Assumir a paternidade de seu filho tornou-se a chance de se reencontrar novamente com sua íntima personalidade. No entanto a criança também morreu. Com a morte da criança, o que poderia se transformar na retomada do seu processo de autoconhecimento lança-o de novo ao apego de sua *persona*. Amaro retomou sua vida ou o projeto de vida escrito por sua mãe de criação. No confronto exaustivo entre sua *anima*, sua *persona* e *sombra*, venceu quem estava mais fortalecido, sua *persona*. Sua máscara social de padre volta a cumprir seu papel e, pelo menos por enquanto, os mecanismos psíquicos que o impulsionaram rumo ao processo de individuação não encontraram forças para

movimentá-lo. A morte de seu filho encerrou o período dos confrontos na vida do jovem padre, e ele seguiu em seu caminho sem grandes arrependimentos.

Finalmente suas últimas palavras expressaram bem como se deu esse processo de tentativa de autoconhecimento, Amaro não conseguiu ultrapassar as barreiras que se colocaram em seu caminho. Para Salles (1992), a individuação é um processo que exige do sujeito muito esforço, paciência e coragem, mas ao mesmo tempo é um processo natural e inevitável. Pode-se pensar que Amaro não teve paciência e coragem suficientes para, nesse momento da sua vida, assumir todas as mudanças exigidas para sustentar o processo. Fosse Amaro um personagem real, e assumindo-se que esse movimento rumo à individuação seja um processo realmente inevitável, seria possível presumir o surgimento de um novo impulso que, vindo das profundezas psíquicas, acene para um aproximar-se do si-mesmo. Um chamamento ao vir a ser o verdadeiro homem Amaro.

O diálogo entre Amaro e o Cônego em demonstrar que o sofrimento com a perda da amante e da criança foi substituído pela hipocrisia:

Meu caro padre-mestre. – Treme-me a mão ao escrever estas linhas. A infeliz morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora, porque, se aqui ficasse, estalava-me o coração. Sua excelentíssima irmã lá estará tratando do enterro... Eu, como compreende, não posso. Muito lhe agradeço tudo... Até um dia, se Deus quiser que nos tornemos a ver. Por mim conto ir para longe, para alguma pobre paróquia de pastores, acabar meus dias nas lágrimas, na meditação e na penitência. Console como puder a desgraçada mãe. Nunca me esquecerei do que lhe devo, enquanto tiver um sopro de vida. E adeus, que nem sei onde tenho a cabeça. — Seu amigo do C. — Amaro Vieira.

P.S. — A criança morreu também, já se enterrou. (QUEIROZ, 1880, p. 295).

E pondo-se diante, galhofando:

— Ó Amaro, e você a escrever-me que queria retirar-se para a serra, ir para um convento, passar a vida em penitência.

O padre Amaro encolheu os ombros:

— Que quer você, padre-mestre?... Naqueles primeiros momentos... Olhe que me custou! Mas tudo passa...

— Tudo passa, disse o cônego. E depois de uma pausa: — Ah! Mas Leiria já não é Leiria! (QUEIROZ, 1880, p. 302).

Amaro aparece ao final da obra como alguém dedicado a cumprir o seu papel de filho fiel aos preceitos de sua mãe a “Igreja”.

“Rito final”

A relação do personagem com a figura materna – que marcou profundamente a formação de seu caráter e personalidade – pode servir como uma rica inspiração para reflexão em torno não somente das questões pertinentes ao cotidiano de um eclesiástico que vivia em Portugal no ano de 1875, mas também de um religioso do início do século XXI. Ao trazer essas questões à vista dos leitores de ontem e de hoje, *O Crime do Padre Amaro* se apresenta como uma obra profundamente enraizada no seu tempo e, simultaneamente, eivada de elementos atemporais que, tal como nos mitos, não cessam de se repetir (em infinitas variações) nas relações afetivas e na sexualidade dos padres de hoje.

The Crime of Father Amaro: individuation, celibacy and sexuality discussed in a novel

ABSTRACT:

Taking as its theme the vow of chastity and its implications for the sexuality of a man who intends to live the consecrated life of celibacy, the present work is a reflection on the role of sexuality in the individuation process of Padre Amaro, main character of the book by Eça de Queiroz, the Crime of Father Amaro. Content analysis was used to submit data collected to a Jungian hermeneutic reading.

Keywords: Sexuality. Individuation. Anima. Persona. Shadow. Eça de Queiroz

Notas explicativas

* Pós-Graduada em Avaliação e Diagnóstico Psicológico pela PUC Minas.

** Professor da Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

¹ Tome-se como exemplo a publicação da revista VEJA on-line de março de 2002 onde são relatados vários casos de abusos sexuais de padres contra crianças e adolescentes. http://veja.abril.com.br/270302/p_092.html

² Utilizou-se o termo homossexualismo tal como está descrito na referência utilizada, mas é importante ressaltar que este termo não é mais utilizado, em outras referências mais recentes encontra-se o termo homossexualidade.

Referências

BONDER, N. *A alma imoral: traição e tradição através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco: 1998. 135p.

GOLDBRUNNER, J. *Individuação: a psicologia de profundidade de Carlos Gustavo Jung*. Trad. Camilo Alves Pais. São Paulo. Editora Herder, 1961. Coleção Cairoscópio. 237p.

JUNG, C.G. *O Eu e o inconsciente*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes 2008. 209p.

_____. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Trad. Araceli Elman. Petrópolis: Vozes, 2002. 185p.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2000. 447p.

_____. *O espírito na arte e na ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros. Petrópolis, Vozes, 1985. 140p.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2001. 144p.

NERY, A. A. *Santidade e Humanidade: aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queirós*. Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/6025/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Antonio.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 maio 2012.

PENNA, E. M. D. O Paradigma Junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 2004, v. 16, n. 3, p. 71-94. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v16n3/v16n3a05.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2012.

QUEIROZ, E. *O crime do padre Amaro*. NEAD. Nucleo de educação a distância. 1880. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/244.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2012.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, A. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Trad. Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1988. 256p.

SALLES, C. A. C. *Individuação: o homem e suas relações com o trabalho, o amor e o conhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1992. 101p.

SILVA, E. O. *Sacerdotes e Maridos: identidades e memória do movimento de padres casados no Brasil*. Abril de 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1268938269_ARQUIV>. Acesso em: 31 maio 2012.

Recebido em: 31 de maio de 2012

Aprovado em: 25 de novembro de 2012